

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA

2 E 6 DE JUNHO DE 2023

MIQELA / 1964

Um filme de Eldar Chenguelaia

Realização: Eldar Chenguelaia / **Argumento:** Eldar Chenguelaia, baseado num conto de Davit Kldiashvili / **Produção:** Georgian Film Studio / **Direção de Fotografia:** Aleksandre Rekhviashvili / **Design de Produção:** Kristisea Lebanidze / **Música:** Irakli Gejadze / **Interpretações:** Grigol Tkabladze (Miqela), Zinaida Kverenchkhiladze (Maia), Mikheil Khvitia (Spidona), Manana Managadze (Eka), Valodia Tsuladze (Aleqsi), Kapiton Abesadze (Padre) / **Cópia:** Digital (DCP), a preto e branco, falado em georgiano com legendagem em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 45 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal** / **Primeira apresentação na Cinemateca.**

Na concisão temporal que marca este **Miqela** (habitando o pano do ecrã por menos de uma hora), a narrativa expõe-se consciente da sua condição de conto – esta é a história de uma casa, um velho e uma fatalidade, habitada nos declives montanhosos da Geórgia. Os elementos são simples e singelos, a narrativa, quase mitológica nos seus tons trágicos e rurais, parece situar o drama numa tonalidade romântica – Chenguelaia percebe o tempo que a história pede e, numa minimalidade da forma e do conteúdo, evita condená-la ao desnecessário. Entre a curta e a longa-metragem (afinal, isto não é um poema, nem um romance) é, de facto, um conto que aqui percecionamos - e com tamanha precisão, que Chenguelaia o constrói como uma dimensão presumível, mesmo que desconheçamos a origem do argumento na obra homónima, datada de 1904, de Davit Kldiashvili. Este autor (que o realizador georgiano declarou ser um dos seus nomes de cabeceira), veio a ser resgatado, novamente, em **Samanishvilis Dedinatsvali** de 1978, que antecede a obra mais marcante da filmografia de Chenguelaia (pelo menos, internacionalmente) **Tsisperi Mtebi Anu Daujerebeli Ambavi** – comédia política, desconstrutora do sistema político soviético dos anos 80.

No entanto, este **Miqela** (primeira incursão de Chenguelaia, sozinho, na realização) e **Samanishvilis Dedinatsvali** elaboram-se como casos à parte na vivacidade humorística

que definiu a sua linguagem – são dramas cimentados num bucolismo que tantas vezes procurou representar, mas fundamentados pela ausência de leveza, ou sentido de bem-estar (apenas superficialmente, porque, subtextualmente, essa “leveza” é quase inexistente na sua filmografia). Em **Miqela**, o único momento de esperança reside no último plano - réstia de vida da personagem - ainda assim, deixado em aberto; guiamonos por uma caminhada, com Miqela de mãos dadas com um dos netos, para que esta enuncie o seu destino. A miséria contamina o preto e branco, de contrastes fortes, iluminado pela apaixonada performance de Grigol Tkabladze – colaborador pontual na filmografia de Chenguelaia que, de entre as obras do realizador, detém, aqui, a sua performance mais completa.

Já o distanciamento de 60 anos entre a obra de Kldiashvili e a realização deste **Miqela** revela-se nas preocupações datadas – hoje, convertidas a uma certa aura mitológica, a um passado quase exótico, onde a religião se entendia como a salvação para um assombrado desconhecido que habitava a mundivisão popular - da história: as personagens, cujas ações são toldadas por uma mitologia cristã (veja-se o ícone religioso, de planos centralizados, cuja *gravitas* enuncia o núcleo de onde tudo brota), habitam numa dicotomia entre o racional e o religioso onde, paradoxalmente, apenas interessa a humanidade (ou a falta dela). A personagem de **Miqela** quer salvar o neto da morte que levou os seus três filhos, mas, simultaneamente, sabe que esta lhe será inevitável – é o desespero que o leva à coragem de o abandonar. Até o momento da tragédia é, aqui, frio, apagado, totalmente distante das extrovertidas peripécias de um filme como **Sherekilebi**, que realizou nove anos mais tarde. Quando a morte se revela, despe-se na aparente normalidade de um riacho que corre – consequência da chuva e do torpor – como um grito silencioso. Neste cenário, as árvores impõem-se, fantasmagóricas, como mãos abertas, e os galhos aglomeram-se, compondo cercas que aprisionam – destaque-se a belíssima fotografia de Aleksandre Rekhviashvili que mais tarde se afirmou, também, como um realizador fundamental na filmografia da Geórgia.

É assim que este **Miqela** continua a caminhar pelos vales e montanhas, as suas vestes confundindo-se com os fardos de palha no campo – camuflagem que pode ler-se como a tentativa de personificar um contexto, uma paisagem, um passado rural, crente e derrotado. **Miqela** – o filme e a personagem – revela-se como o retrato de um mundo perdido, por ele e por nós. Nem Chenguelaia se atreveu a recuperá-lo da mesma maneira.

Miguel Pinto